

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

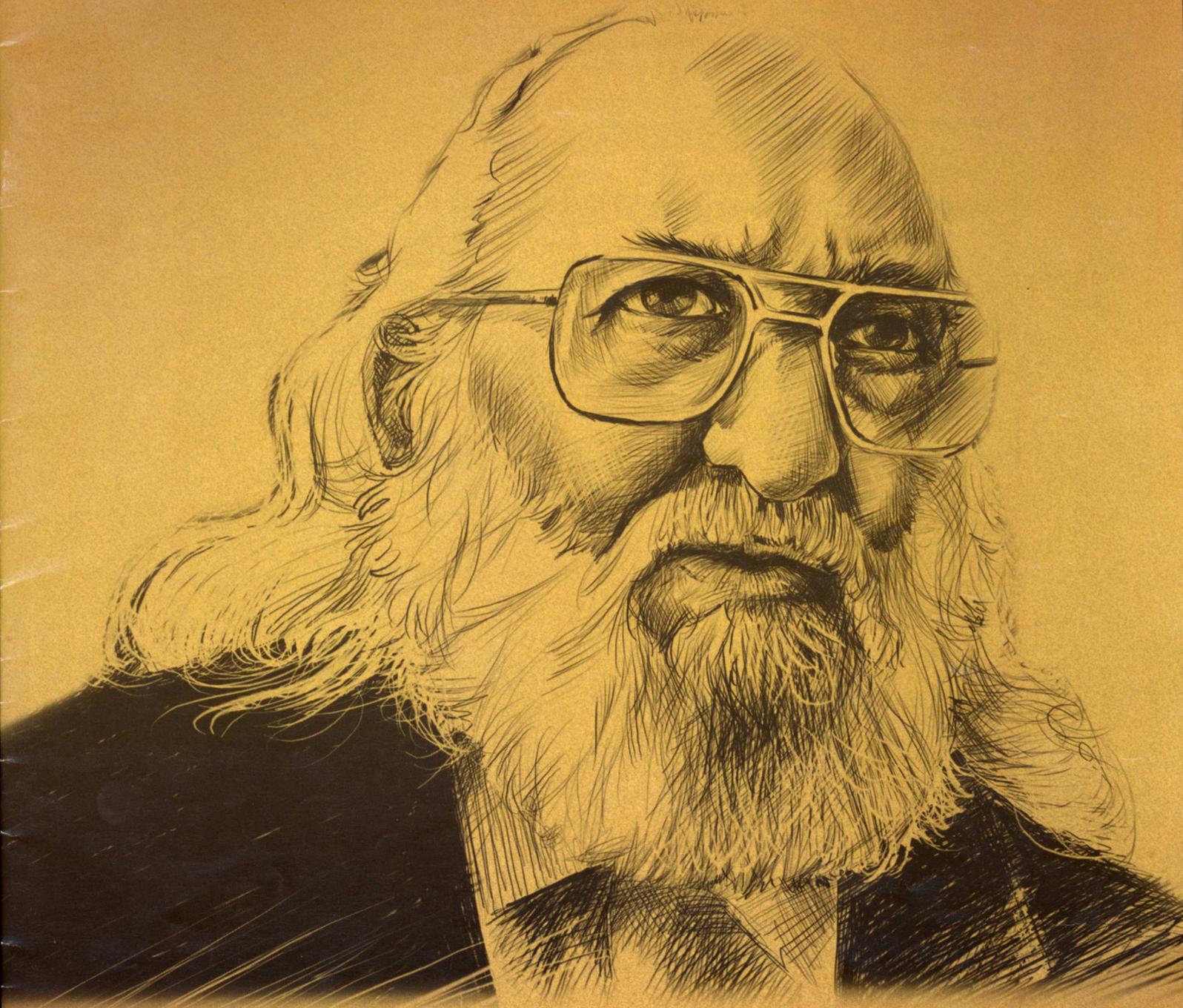
**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL  
COORDENADORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO  
CÉLULA DE DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO EDUCACIONAL



# CADERNO PAULO FREIRE

HOMENAGEM AO EDUCADOR SOCIAL PAULO FREIRE  
DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO DE ESCOLHA  
DIRETA E DEMOCRÁTICA DE GESTORES ESCOLARES

Luizianne de Oliveira Lins  
**Prefeita de Fortaleza**

Idevaldo da Silva Bodião  
**Secretário Municipal de Educação e Assistência Social**

Raimundo de Brito Neto  
**Coordenador de Políticas Públicas de Educação**

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos  
**Gerente da Célula de Desenvolvimento da Gestão Educacional**

Sérgio Menezes Varela  
**Gerente da Célula de Desenvolvimento de Informações e Estatísticas**

Maria Luiza Mota Machado  
**Gerente da Célula de Desenvolvimento do Ensino**

Maria Quininha Cândido de Almeida  
**Gerente da Célula de Desenvolvimento de Programas Especiais**



**PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA**  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL  
 COORDENADORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO  
 CÉLULA DE DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO EDUCACIONAL



**CADERNO PAULO FREIRE**

Homenagem ao Educador Social Paulo Freire

DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO  
 DE ESCOLHA DIRETA E DEMOCRÁTICA DE GESTORES ESCOLARES

# Às Comunidades Escolares

"Todo ato educativo deve objetivar, em primeiro lugar, formar o cidadão, dando-lhe a capacidade de se tornar governante, isto é, de ser uma pessoa capaz de pensar, estudar, dirigir e controlar quem dirige".

*Gramsci*

É com muito prazer que apresento aos educadores e educadoras, funcionários, estudantes, pais e demais membros das escolas municipais de Fortaleza este caderno que tem como objetivo discutir um momento importante na política educacional: a escolha democrática de gestores escolares pela comunidade escolar.

O diálogo estabelecido através deste caderno busca a construção coletiva e progressiva de consensos em torno da função social da escola e do papel dos gestores escolares na garantia de uma educação pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada. Ele pretende ser um instrumento de discussão cotidiana na escola a partir da organização dos seus segmentos, da socialização de propostas diferentes e até mesmo contrárias, mas que merecem o respeito de todos os cidadãos, sujeitos escolares, bem como o meu respeito enquanto educadora, no exercício de Prefeita de Fortaleza.

A inspiração em Paulo Freire, nosso educador maior, referenda por um lado a compreensão da educação como ato eminentemente político e de outro, a de que todos os processos políticos devem ser profundamente pedagógicos e educativos para que se tornem transformadores de realidades.

Após as nomeações provisórias de diretores e vices, proponho uma nova pactuação com as escolas. Assumo esta transição dividindo com servidores e servidoras a responsabilidade de construir um processo verdadeiramente democrático. Às direções recém-nomeadas caberá a tarefa de, junto conosco, estabelecer um processo pedagógico com a mais ampla participação dos diversos segmentos escolares sob coordenação da Secretaria Municipal de Educação e Assistência Social, dos Distritos de Educação, dos educadores multiplicadores e do olhar atento de toda a gestão municipal, dada a relevância do papel da escola pública para a transformação da sociedade.

Mandel (1982) nos ensina que os homens primitivos se auto-organizavam entre si de acordo com os seus limites e possibilidades. Portanto, venho falar da auto-gestão. Quem sabe amanhã a escola pública não poderá se organizar a partir de uma representação de um coletivo de seus segmentos! Eu, enquanto educadora, gostaria de discutir com vocês as possibilidades inovadoras de organização do trabalho escolar. É possível a escola se organizar de uma forma que possa aprofundar a democracia como princípio da convivência humana e como projeto educativo? Qual a forma de gestão e quais as regras mais adequadas para facilitar os processos educativos como garantia do direito de aprender direito? Como transformar as escolas em espaços culturais de reconhecimento comunitário? É realmente necessária a centralidade em torno de uma pessoa, do(a) diretor(a)?

O desafio está colocado! Homens e mulheres com o direito e o dever de transformar o mundo. Isto não ocorre sem muitos obstáculos. Se é verdade que as mudanças se fazem a partir da nossa ação cotidiana na realidade concreta, também o é, o fato de que para fazê-las é necessário uma boa dose de sonhos organizados em projetos e mirados em utopias.

De sonhos que se sonham juntos...

Luizianne de Oliveira Lins  
**Prefeita de Fortaleza**

# Caros Colegas e Companheiros(as)

"Gente quando se encontra com gente se torna mais gente.

A convivência com o outro é um indispensável processo de construção de si.

Este exercício concreto da parceria, do encontro, da convivência humana demanda e se concretiza na gestão democrática da escola".

*Lauro Carlos Wittman*

Este caderno representa o grande desafio para refletir e definir questões acerca da escolha de gestores escolares mediante um processo educativo que prioriza a discussão de eixos com a participação ativa e crítica de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar.

É nessa perspectiva que enfatizamos o caráter educativo desse processo: o da participação como forma de construção de saberes os quais, refletidos, debatidos e problematizados, constituem o cerne da cidadania, pois partem das experiências vivenciadas individual e coletivamente e que, somadas, passam a ser conhecimentos históricos que se acumulam às lutas e processos sociais travados pela classe trabalhadora cotidianamente.

Nesse momento, resgatamos o tema "Gestão" discutido nos "Encontros Pedagógicos" realizados em fevereiro deste ano, nos quais os profissionais de educação elencaram propostas para a realização do processo de escolha de gestores. Enfatizamos que o processo de substituição de diretores e vices, vivenciado em agosto do corrente ano, teve caráter transitório, cujo objetivo era criar uma nova ambiência escolar que favorecesse a construção democrática.

Tomamos a educação como condição necessária a qual deve ser construída para o processo de democratização das relações de poder na sociedade, mas isso não é o suficiente. Ela pode comportar, ao mesmo tempo, conservação e inovação, podendo servir para reproduzir as injustiças e, concomitantemente, funcionar como instrumento para mudanças.

Tal intento viabiliza a compreensão de que todos são sujeitos da escola e devem interferir diretamente nos processos de discussão, decisão e execução das ações escolares; inclusive no processo de escolha de seus gestores, ressignificando o preceito da participação e da construção de uma sociedade democrática a partir da escola.

Nesse sentido, educandos, pais, educadores, funcionários e gestores são convocados a construir coletivamente conhecimentos, através de um movimento de ação/reflexão/ação no cotidiano escolar.

Desejamos que este caderno provoque discussões no âmbito escolar, por meio da organização de todos os segmentos; inicialmente em debates específicos em sala de aula, na escola e na comunidade do entorno, e num segundo momento, em Assembleias Gerais Escolares, buscando uma real democratização da gestão escolar a partir da construção do novo modelo que se inaugurou com os "Encontros Pedagógicos", em fevereiro de 2005, na perspectiva de participação de todos na elaboração de propostas para a escolha dos gestores escolares. Bom trabalho!

Idevaldo da Silva Bodião  
**Secretário da SEDAS**

# Sumário

Paulo Freire e a Gestão Escolar.....	06
Orientações Gerais.....	07
EIXOS DE DISCUSSÃO:	
01 Desenvolvimento do Processo Educativo .....	08
02 Coordenação do Processo Educativo na Escola .....	11
03 Questões Emergentes .....	13
Considerações.....	13
Bibliografia.....	14
ANEXOS:	
I Modelo de Painel - Questões Emergentes.....	15
II Modelo de Painel para Sistematização das Discussões (Segmentos).....	15
III Modelo de Formulário para Sistematização das Discussões (Assembléia Geral Escolar) .....	15
IV Modelo de Relatório das Discussões da Assembléia Geral Escolar .....	16
V Modelo de Lista de Frequência dos Participantes nas Discussões .....	17
Educadores que participaram da elaboração deste caderno.....	18
Imagens da avaliação do processo de elaboração deste caderno .....	19
Encontro dos homens através do diálogo.....	20

# PAULO FREIRE E A GESTÃO ESCOLAR

"Ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, primeiro, se é interdito no seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico; segundo, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito, que, no fundo, é o direito também a atuar".

Paulo Freire

A proposta freireana de uma aprendizagem da democracia, através de seu exercício cotidiano e da sua própria existência, imprime uma perspectiva radical e criadora: aprender democracia pela prática da participação, possibilitando o exercício direto do poder. Participar significa redistribuir bens e poder e se dá a partir da organização da sociedade, dos segmentos escolares, legitimando o cidadão que participa do debate de idéias, das decisões políticas, dos processos decisórios. Participar é, portanto expressar sua opinião, interferir, é ouvir o outro, mesmo que seja contrário, é comprometer-se, deliberar, decidir juntos.

À medida que se aumenta a participação, constrói-se a democracia, o que implica em uma proposta de pedagogia participativa, de práticas dialógicas e anti-autoritárias, contra a passividade e para a decisão. Sendo assim, a ação dos sujeitos escolares, dos segmentos organizados devem enfatizar "uma educação para decisão, para a responsabilidade social e política" (FREIRE apud LIMA, 1999: 88). Cidadania e participação fazem parte da própria natureza do ato pedagógico.

Para Freire, uma "organização verdadeira" (FREIRE apud LIMA, 1999: 207) é formada com lideranças democráticas, colegiadas e participativas, indivíduos sujeitos do ato de organizar-se, o que implica autoridade sem autoritarismos, liberdade sem licenciosidade. Não se propõe a abolição de lideranças, de disciplina, ordem, decisões ou objetivos, tarefas a cumprir, contas a prestar. Esta organização verdadeira aponta para um aprendizado que possa fortalecer as instituições democráticas, aperfeiçoando a convivência humana.

Sem uma "real participação" da comunidade, dos educandos, dos pais, dos educadores, dos funcionários e dos representantes dos movimentos populares, não se viabiliza uma escola democrática e autônoma. O caminho crítico para se estabelecer uma escola pública, democrática e de qualidade, passa pelo envolvimento da comunidade, pela "mobilização organizacional" (LIMA, 2000:15), pelo compromisso com bons índices de desempenho, de acesso, de permanência e de sucesso escolar.

A governação é o exercício de governar democrática e participativamente, integrando a administração pública descentralizada, com ações exercidas por atores educativos. Estas ações não se revelam apenas enquanto decisões político-educativas, mas interferem também na construção e recriação de formas mais democráticas de exercer os poderes educativos na escola, na sala de aula, pressupondo uma escola cidadã que une e mobiliza as pessoas em torno do ideal comum: uma escola de qualidade para crianças, jovens, adultos e idosos, uma escola para todos.

Considerando as contribuições de Paulo Freire e as experiências cotidianas de cada educador(a), desejamos que a Comunidade Escolar desfrute deste Caderno Paulo Freire, como instrumento de construção da Gestão Escolar Participativa, Cidadã e Autônoma, ou seja, a Gestão Colegiada.

Equipe de Elaboração

## ORIENTAÇÕES GERAIS

"Sempre pensei que alguém devia fazer algo a respeito,  
até que descobri que eu sou alguém".

Sathya Sai Baba

Este caderno é fruto de uma construção coletiva de técnicos e educadores da SEDAS, das Secretarias Executivas Regionais e profissionais de educação lotados na escola. Ele pretende ser um instrumental aberto com perguntas claras, específicas, objetivas e problematizadoras, que provoquem discussões no âmbito da escola pública municipal sobre o processo educativo de escolha direta e democrática de gestores escolares. Sendo assim, há um Eixo com questões emergentes que, até o momento, não estavam aqui elaboradas e que devem ser objeto de discussão e sistematização pelos segmentos que compõem a escola.

Tendo em vista que os educadores, nos "Encontros Pedagógicos" (Fevereiro, 2005), iniciaram a discussão sobre esse processo (ver Caderno de Sistematização dos "Encontros Pedagógicos" – Tema "Gestão"), propomos o aprofundamento do tema e a ampliação do debate através da participação direta de todos os segmentos da unidade escolar, principalmente, dos educandos, dos pais e comunitários.

Utilizamos-nos das palavras de Pedro Demo (1999:20) para dizer que *"é preciso encarar o poder de frente, partir dele, e então abrir espaços de participação, numa construção arduamente levantada [...] Isto porque participação não é ausência de poder, mas outra forma de poder"*. Sendo assim, este caderno pretende se constituir como instrumento de intervenção na dinâmica escolar, a partir de uma prática coerente por meio da crítica, do respeito à opinião do outro, ou seja, dos dissensos e da busca da construção coletiva e progressiva do consenso, quando este for possível, dentro de cada segmento escolar organizado e da comunidade escolar que se deve autogerir.

Sugerimos que as discussões se dêem no âmbito de cada sala de aula. Os educadores podem provocar os educandos utilizando-se dos Eixos aqui propostos como Temas Transversais. Os diversos segmentos que compõem a escola devem buscar construir consensos em Encontros (Assembléias por segmento) e respeitar os dissensos, culminando numa Assembléia Geral Escolar no exercício da construção coletiva do consenso da escola. O debate proposto deve se dar em torno das idéias e não das pessoas. O consenso da escola deverá ser resultado das discussões e, caso não seja possível construir progressivamente o consenso através do diálogo ou por aclamação, deve-se registrar os dissensos. Outra sugestão seria construir um Código de Ética, Carta de Princípios, bem como, Cordéis, Quadrinhos, Textos etc., envolvendo todos os sujeitos na garantia do processo educativo na escolha e no cotidiano da escola.

Faz-se importante lembrar que o tempo da escola nem sempre coincide com o tempo da família e da comunidade, bem como as especificidades da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, nos diferentes turnos de funcionamento da escola. Portanto, cabe aos educadores, aos segmentos organizados e a escola buscar construir mecanismos de sensibilização, envolvimento, participação ativa e crítica desses sujeitos que fazem parte da escola.

Durante estes "Encontros Pedagógicos" no espaço escolar, os educadores multiplicadores, então coordenadores e relatores do processo, deverão registrá-lo em relatório específico para este fim, seguida da avaliação do processo na escola e enviá-los, no calendário proposto, à SER (Secretaria Executiva Regional) para organização dos dados de todas as escolas. Em seguida, haverá um encontro com os técnicos da SEDAS (Secretaria Municipal de Educação e Assistência Social) e SER's para a sistematização das propostas, as quais viabilizarão a construção do Projeto de Lei ou Decreto a ser encaminhado à Prefeita para aprovação.

Acreditamos, enfim, que as intervenções exercidas democraticamente por cada um e por todos os sujeitos escolares são atos educativos e se consubstanciam em ações de (auto) governo. Essas são as formas mais democráticas de exercer os poderes educativos na sociedade, no sistema educacional, na escola e na sala de aula.

# EIXOS DE DISCUSSÃO

## 01

### DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO EDUCATIVO

“O sistema de representação vive um processo de crise de legitimidade que se expressa na abstenção eleitoral, na apatia e na não participação político-social, devido, em parte, obstrução do canal participação-deliberação-representação”.

*Jeannette Ramos, 2004: 35*

A gestão escolar deve ser exercida por todos: educandos, educadores, pais, funcionários, gestores e comunitários, de forma democrática, participativa e comprometida com a qualidade social da educação ofertada a crianças, jovens, adultos e idosos como sujeitos ativos de todo o processo.

O poder deve ser exercido por todos os segmentos escolares e os gestores devem coordenar processos educativos, sem para isto serem autoritários. A participação de todos os sujeitos deve ser direta, em todos os momentos (Assembléias por Segmentos e Gerais) e representativa, quando necessário (Conselho Escolar, Grêmios Estudantil e outros).

Refletindo sobre isto, devemos esperar o convite a participar ou provocar nossa participação junto ao segmento? Somente podemos participar das reuniões convocadas ou podemos chamar uma reunião? Com quem devemos nos reunir? Com os colegas do mesmo segmento? Com todos ou com uma representação?

Referindo-se à participação no desenvolvimento desse processo educativo de escolha de gestores escolares é de fundamental importância a elaboração de propostas concretas que subsidiem a elaboração do documento (Lei ou Decreto) que norteará o referido processo.

Se o dispositivo legal deste novo processo for Decreto ficamos limitados à legislação em vigor, por exemplo, a escolha de diretor e vice, a não participação dos pais enquanto segmento; se for Lei, o dispositivo será apreciado e votado na Câmara dos Vereadores, podendo ser aprovado na íntegra ou alterado completa ou parcialmente.

Ao mesmo tempo, fica evidenciado que a discussão sobre a inconstitucionalidade da eleição de diretores de escola está, na verdade, ligada à terminologia “eleição” tal como usada pelas legislações de alguns estados e municípios, como é o caso de Fortaleza. Assim, usando-se o termo **Processo de Escolha**, o problema é minimizado, pois o Poder Executivo pode indicar para o cargo aquele que foi escolhido pela comunidade escolar, sem ferir a legislação atual.

O exercício do voto, entretanto, é apenas um procedimento, um ato pontual que não configura por si só o exercício da cidadania. Consideramos, pois, que a cidadania é o próprio exercício da vida cotidiana nas relações entre homens e mulheres, entre meninos e meninas. A participação, então, é o exercício cotidiano do ser cidadão, sujeito de direito que interfere, contribui, transforma e se indigna nas suas relações ou nas ações que refletem o seu cotidiano – sua vida.

Partindo deste pressuposto, enfatizamos que a discussão nos segmentos, na sala de aula, na escola e na comunidade, em Assembléias Gerais Escolares, entre outros, são processos educativos fundamentais que se constituem no exercício cotidiano da cidadania e não numa cidadania futura que se prepara para. Por conseguinte, o momento da deliberação é momento de tensão, pois trata de interesses gerais e particulares, esse horizonte da vida democrática indispensável é também inatingível, em termos da perfeição. (VIVERET, 2001: 09)

Portanto, faz-se importante informar que não podemos garantir que todas as propostas apresentadas pela comunidade escolar se efetivem na prática. Não se deseja falsear a realidade, criando expectativas através da utilização de termos inadequados juridicamente. Buscamos a coerência e a transparência entre o discurso, a legalidade e a prática neste processo.

Sendo assim, como inovar este processo? Como fazer deste, um processo educativo?

Questões	Problematização	Tratamento Didático	Produto Esperado	Tempo Previsto - Recursos
1.1 Qual a finalidade da gestão escolar?	- Historicamente, as relações na sociedade e na escola são diferenciadas (os de cima que mandam e os de baixo que obedecem). Como está organizada a sua escola? Poderia ser diferente? Como?	- Promover momento de discussão com diversos segmentos para conceituar PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, tendo como referencial a "escola".	- Registrar nos relatórios dos segmentos e da escola os princípios e finalidade da gestão escolar.	- 60 min. - Papel Madeira - Papel Ofício - Pincéis
1.2 Como deverá ser composto o coletivo gestor?	- No município de Fortaleza, o modelo administrativo escolar é composto pelos cargos de diretor e vice-diretor, há também os cargos de supervisor e orientador educacional. Na Rede Estadual do Ceará há um núcleo gestor composto por diretor geral, coordenador pedagógico, administrativo-financeiro e de gestão, além do secretário escolar, entre outras experiências. Que modelo seria mais adequado à nossa realidade? Por quê?	- Discussões em cada segmento; - Assembléias por segmentos; - Assembléia Geral Escolar nas quais os segmentos devem apresentar suas propostas consensuais e os dissensos na busca da construção progressiva do consenso escolar e registrar no relatório da escola.	- Síntese das propostas apresentadas, sejam elas consensuais ou não, nos relatórios (segmentos e da escola).	- 60 min. - Papel Madeira - Papel Ofício - Pincéis etc.
1.3 Quais os critérios de participação para compor o coletivo gestor?	- O inscrito deverá estar no exercício do magistério? - Um educador de outra unidade escolar poderá se inscrever na sua escola?	- Dividir o grupo em subgrupos e sortear tarjeta com perguntas. Cada subgrupo discute a resposta. Finalmente, cada subgrupo apresenta sua pergunta e resposta para discussão com o grupo.	- Consolidação das propostas dos segmentos organizados, consensuais ou não e registro no relatório.	- 30 min. - Papel Madeira - Papel Ofício - Pincéis - Tarjetas

1.4 Quem poderá votar?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A partir de que idade/série o educando poderá participar do processo como votante?</li> <li>- O pai, mãe ou responsável deverá ter uma representatividade na escolha direta ou apenas deve representar seu filho com idade inferior a 12 anos que poderá não votar?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração de questionários que abordem a temática "Escolha de Gestores" e aplicação com os pais dos alunos e comunitários.</li> <li>- Dividir a sala de aula em grupos de 03 alunos. Cada trio analisa as respostas dos pais e dos comunitários e sintetiza em tarjeta. Ao final um educando de cada grupo socializa as respostas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Definição dos critérios para constituição do universo votante.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 60 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>
1.5 Qual o sistema ideal de votação?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O voto será dado ao candidato ou à chapa?</li> <li>- O voto deve ser paritário? Qual o peso ideal para cada segmento? (25% cada ou 50% pais e educandos e 50% professores e funcionários)?</li> <li>- A experiência do estado do Ceará apresenta o percentual de abstenção como um instrumento que provoca a participação dos segmentos no processo. Ou seja, se o processo não atingir uma quantidade determinada de votantes, deverá ter segundo turno ou indicação? O nosso projeto deverá contemplar este procedimento?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussões feitas na sala de aula e nos segmentos organizados da unidade escolar.</li> <li>- Socialização em Assembléia Escolar, busca de construção de consensos e registro dos dissensos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação de todos os segmentos da escola e definição do sistema de votação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 30 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>
1.6 Que etapas devem envolver o processo educativo de escolha direta e democrática?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Segundo a discussão entre os educadores da rede municipal de educação durante os "Encontros Pedagógicos" de 2005, deverá haver prova de capacidade técnica e escolha direta e democrática para gestores escolares. Como complementar este processo visando a uma maior participação dos segmentos?</li> <li>- Deverá o candidato apresentar a comunidade escolar uma proposta pedagógica da gestão escolar e/ou comprovar alguma experiência em trabalho social junto à comunidade?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussão em sala de aula e aplicação de questionário junto aos pais e comunitários sobre as etapas do processo. Os educandos podem se reunir em duplas para analisar as respostas e sistematizá-las em tarjetas para apresentação da turma.</li> <li>- Discussão nos segmentos organizados da escola e construção de consensos ou dissensos para apresentação na Assembléia Escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propostas de procedimentos no processo de escolha, visando um processo educativo e com ampla participação crítica dos segmentos da escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 60 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>

# 02

## COORDENAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO NA ESCOLA

“Visão sem ação não passa de um sonho, ação sem visão é só um passatempo, mas a visão com ação pode mudar o mundo”.

Joel Barker

O processo de escolha já tem um caráter educativo, se considerarmos o momento de diálogo na comunidade escolar como parte do processo.

Sendo assim, a Comissão Coordenadora tem um papel profundamente pedagógico no sentido de garantir as condições para a participação ativa, crítica e democrática de cada um e de todos os segmentos escolares, com ética, clareza e transparência.

Considerando que historicamente têm sido compostas comissões escolares com os representantes do Conselho Escolar, deverá ser mantida esta organização?

Questões	Problematização	Tratamento Didático	Produto Esperado	Tempo Previsto - Recursos
2.1 Quem fará o acompanhamento do processo na escola?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Caso não seja o Conselho Escolar, quais são os critérios para escolha dos membros e a composição desta Comissão? E qual será a contribuição do Conselho Escolar neste processo?</li><li>- Deverá haver sub-comissões (divulgação, sistematização, fiscalização) para acompanhamento do processo educativo?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Discussão em grupos por segmento, seguido de uma Assembléia Geral;</li><li>- Educandos: fazer entrevistas com as pessoas da comunidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Definição da coordenação do processo.</li><li>- Síntese das sugestões surgidas nas discussões.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- 30 min.</li><li>- Papel Madeira</li><li>- Papel Ofício</li><li>- Pincéis</li></ul>
2.2 Atribuições da comissão?	<ul style="list-style-type: none"><li>- Como deve ser feito o acompanhamento e a fiscalização do processo?</li><li>- Considerando a educação como processo, você concorda que o trabalho desta Comissão é educativo? Como identificá-la?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Discussão nos segmentos e apresentação das propostas na Assembléia Escolar.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Síntese das atribuições.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- 20 min.</li><li>- Papel Madeira</li><li>- Papel Ofício</li><li>- Pincéis</li></ul>

<p>2.3 Como deve ser a divulgação do processo e das propostas pedagógicas de trabalho da gestão escolar dos inscritos?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como garantir o acesso à informação para todos (as)?</li> <li>- Como deve ser o financiamento da divulgação das Propostas Pedagógicas dos inscritos?</li> <li>- Os instrumentos de divulgação devem ser previamente submetidos à apreciação da Comissão?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussão em cada sala de aula, em cada turno com cada segmento. As turmas de Educação Infantil, entre outros, poderão utilizar atividades lúdicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese das propostas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 30 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>
<p>2.4. Como deve ser a fiscalização da divulgação e das ações dos inscritos? Qual a punição? Como proceder?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que o inscrito poderá utilizar como instrumento de divulgação da sua Proposta Pedagógica da gestão escolar?</li> <li>- Bombons, camisetas, bonés, canetas, caixas de fósforos, cestas básicas, pagamento de água e luz, boca de urna paga, carro de som, vale transporte, chinelo etc. O que significa/ implica o uso destes recursos acima citados? Eles são educativos?</li> <li>- Poderá ser cassada a inscrição do candidato que infringir a legislação do processo ou o Código de Ética da Escola?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussão por segmento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relatório Escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 30 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>
<p>2.5 A quem compete o controle das ações da Comissão, dos interessados e do processo educativo de escolha direta e democrática?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreendendo a educação como direito de todos e dever do Estado, a escola pública diz respeito a todos e, conseqüentemente, pode ser controlada por você e por todos.</li> <li>- Sendo assim, qual o seu papel neste processo?</li> <li>- Qual o papel do segmento do qual você faz parte? Qual o papel dos ouvintes (as) estudantis? Dos conselheiros(as) tutelares?</li> <li>- Quais os mecanismos para o exercício do controle social deste processo e da educação?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de letras de músicas para reflexão sobre o tema;</li> <li>- Mapeamento dos mecanismos para o exercício do controle social na escola, no bairro e na SER (áreas de abrangência da SER).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relatório Escolar, incluindo o mapeamento dos mecanismos de controle social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 30 min.</li> <li>- Papel Madeira</li> <li>- Papel Ofício</li> <li>- Pincéis</li> </ul>

# 03

## QUESTÕES EMERGENTES

“Nosso trabalho hoje é difícil, pois vivemos a crise da escola, mas é com essa escola que vamos ter que trabalhar para construir outra com uma nova função social, provavelmente mais adaptada às nossas diferentes realidades”.

*Moacir Gadotti*

Este espaço deve ser construído pelos segmentos escolares organizados que, em discussões em sala de aula, nos segmentos que representam e em assembléia geral escolar, podem identificar questões importantes que ainda não foram abordadas. Sendo assim, fica aberto o debate para sistematização e apresentação de outras propostas que este instrumental não contemplou. Para isto, utilize o Anexo I.

## CONSIDERAÇÕES

Agradecemos a todos e a todas, sujeitos escolares, que vivenciaram esse momento educativo de discussão, de expressão de opiniões, às vezes complementares, às vezes contrárias, mas que, respeitando o outro, puderam amadurecer o processo de convivência humana e democrática com todos aqueles que são sujeitos de direito e que fazem a escola.

Para tanto, nos remetemos diretamente aos educadores e educadoras, principalmente àqueles que se fizeram disponíveis desde os “Encontros Pedagógicos” de 2005, ao se apresentarem como multiplicadores e que agora, mais uma vez, se apresentam como educadores sociais na coordenação das discussões deste caderno (dos consensos e dissensos).

Acreditamos que já estamos caminhando na construção da Pedagogia da Participação ao darmos continuidade aos debates, garantindo um processo, ou melhor, uma filosofia de vida educativa.

Enfim, o sucesso deste processo é nosso, uma vez que aprendemos na discussão e que discutimos para aprender mais.

Desejamos sucesso na escola e na vida de todos(as)!

## BIBLIOGRAFIA

- BORDIGNON, Genuíno et GRACINDO, Regina Vinhais. Gestão da Educação: o município e a Escola. In FERREIRA, Naura et AGUIAR, Márcia. (Orgs.) Gestão da Educação: impasses, perspectiva e compromissos. São Paulo, Cortez: 2000 p.147-177.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Coordenação Maurício Antonio Ribeiro Lopes. – 5ª ed. Ver. e atual. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.
- DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. 3ª ed. Cabinas, SP: Papyrus, 1997.
- DEMO, Pedro. Participação é conquista. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo (1997). Professora Sim, Tia Não. Cartas a Quem Ousa Ensinar. São Paulo: Olho d'Água (1ª ed. De 1993).
- \_\_\_\_\_.(1921-1997) Política e educação: ensaios/Paulo Freire.-7.ed. - São Paulo, Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 23).
- \_\_\_\_\_.Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).
- \_\_\_\_\_.Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1974.
- LIMA, Licínio. Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. São Paulo: Cortez, 1999.
- MANDEL, Ernest. Introdução ao marxismo. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. Gestão democrática da escola pública: A experiência do governo das mudanças, Fortaleza: EDUECE, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa et AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 39-82.
- VIVERET, Patrick. Por uma soberania ascendente. In Um outro mundo é possível. Cadernos Le Monde diplomatique, Ed. Especial, nº 02, janeiro de 2001, p.08-09.

# ANEXOS

## ANEXO I - Modelo de Painel - Questões Emergentes

QUESTÕES	PROBLEMATIZAÇÃO

## ANEXO II - Modelo de Painel para Sistematização das Discussões (Segmentos)

Escola \_\_\_\_\_ SER \_\_\_\_\_ Segmento: \_\_\_\_\_

EIXO EM DISCUSSÃO: \_\_\_\_\_

QUESTÃO N° _____	CONSENSO	DISSENSO

Encaminhamentos: \_\_\_\_\_

Anexar Lista de Participantes (Anexo V).

## ANEXO III - Modelo de Formulário para Sistematização das Discussões (Assembléia Geral Escolar)

Escola \_\_\_\_\_ SER \_\_\_\_\_

EIXO \_\_\_\_\_

QUESTÃO N° _____	CONSENSO	DISSENSO
Educandos		
Pais/Comunidade		
Educadores		
Funcionários		
Síntese da questão (quando for possível o consenso de todos)		

Anexar Lista de Participantes (Anexo V).

**ANEXO IV - Modelo de Relatório das Discussões da Assembléia Geral Escolar**

- Escola \_\_\_\_\_ SER \_\_\_\_\_
- Relator(es): \_\_\_\_\_
- Coordenador(es): \_\_\_\_\_
- Descrição Sintética do Processo: \_\_\_\_\_

• Participantes: Masculino \_\_\_\_\_ Feminino \_\_\_\_\_ Total \_\_\_\_\_

• Quadro síntese das discussões por eixo (propostas por abrangência):

EIXO \_\_\_\_\_

QUESTÃO	CONSENSO	DISSENSO

Obs: \_\_\_\_\_

Anexar mensagens, textos produzidos, desenhos, cordéis, história em quadrinhos, entre outros.

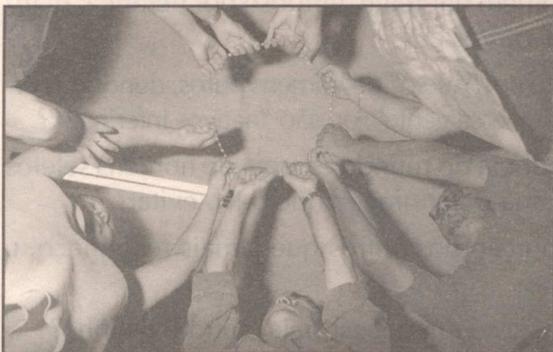
Anexar Lista de Participantes (Anexo V).



## EDUCADORES QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DESTE CADERNO

Ailes Maria S. Mesquita	Marcilene Gastar Barros
Alex Fabiano Nicolau de Araújo	Maria Dorotéa Costa de O. Sousa
Ana Cristina Carvalho	Maria Geneva C. Oliveira
Ana Cristina Guilherme	Maria Gláucia Oliveira Albuquerque
Ana Leonília Alves de Sousa	Maria Helena Gomes de Lima
Ana Soraia Santos	Maria José Vieira de Sousa
André Sousa do Carmo	Maria Lindete Ferreira Lima
Aratuza Rodrigues Silva	Maria Rubinete Pires Feitosa
Ariadine Custódio Vieira Conceição	Maria Vitória Carlos Rodrigues
Áurea Sandra Pinheiro Moura	Mariléa de Oliveira Viana
Aurenir Cunha Dourado	Marília Correia Soares
Célia Maria dos Santos	Marlene Correia Soares
Danielli Santos Almeida	Micheline Guelry Silva Albuquerque
Daniely Moreira Coelho	Raimunda Nonata de Sousa Lima
Denise Fernandes Sedrim	Raimundo Nonato Nogueira Lima
Diana Márcia Carvalho Claudino Sileikis	Regina Helena Benevides Teixeira Pontes
Edmundo Mesquita Paiva	Regina Stella Pereira do Nascimento
Eduardo Silva Araújo	Rosa Maria de Sousa
Fátima Lacerda	Sarah Maria Forte Diogo
Francisca Núbia Silva de Araújo	Sebastião Sousa Teixeira
Francisco Weliton de Araújo Oliveira	Sérgio Menezes Varela
Izabel Maciel Monteiro Lima	Tania Bezerra Soares
Jayne Gurgel Jucá de Araújo	Tania Maria de Mesquita Sombra
Jeannette Filomeno Pouchain Ramos	Teresa Amália Fernandes Gonçalves
Jociane Maria Sousa Nascimento	Terezinha de Jesus Araújo Maciel
Josimary Martins Nogueira Lima	Virna do Carmo Camarão
Léricka Sousa	Vitória Régia Cordeiro Veras
Maderlene Costa Praciano	Wanna Paula Perdigão Cabral

# IMAGENS DA AVALIAÇÃO DO PROCES- SO DE ELABORAÇÃO DESTE CADERNO



## O ENCONTRO DOS HOMENS ATRAVÉS DO DIÁLOGO

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Não há por outro lado, o diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, rompe-se, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros "isto", em que não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um "gueto" de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são "essa gente", ou são "nativos inferiores"?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho a contribuição dos outros que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de Ser Mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.

In: FREIRE P. Pedagogia do Oprimido.  
Paz e Terra, R. J. 1978, 5ª ed. p.91-97